



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



ALINE CELESTINO DE OLIVEIRA

**EXPERIÊNCIA COM A EDUCAÇÃO: PERCURSO
ESCOLAR E FORMATIVO**

Ji-paraná/RO
2017

ALINE CELESTINO DE OLIVEIRA

**EXPERIÊNCIA COM A EDUCAÇÃO: PERCURSO
ESCOLAR E FORMATIVO**

Memorial apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade à distância, da Universidade Federal de Rondônia [UNIR], em parceria com a Universidade Aberta do Brasil [UAB] e com o Polo de Ji-paraná, como Pré-requisito para a conclusão do Curso, sob a orientação da Prof.^a Gicele Sucupira Fernandes.

Ji-Paraná/RO
2017



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



EXPERIÊNCIA COM A EDUCAÇÃO: PERCURSO ESCOLAR E FORMATIVO

ALINE CELESTINO DE OLIVEIRA

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de Graduação em Pedagogia e aprovado pelo Departamento de Ciências da Educação.

Profa. Dra. Márcia Machado de Lima
Chefe do Departamento de Ciências da Educação

Professores que compuseram a banca:

Presidente: Prof.^a Msa. Gicele Sucupira Fernandes

Membro: Prof .Dr. Wendell Fiori de Faria

Membro: Prof.Dr. Carlos Alexandre Barros Trubiliano

**Ji-Paraná/RO
01/12/2017**

A todas as Pedagogas e todos os Pedagogos comprometidos em qualificar o processo de educação.

AGRADECIMENTOS

À Deus primeiramente,

À minha filha e companheira Jhenyffer,

Ao meu esposo e amigo Gilberto,

A minha tia e amiga Dorka,

À Ludmila e Edgar por me indicarem o curso e por todo o apoio oferecido,

Aos professores e tutores do curso que foram pacientes e perseverantes ao me ensinar e me orientar,

Às minhas colegas de curso Marcelia e Marci, por serem minhas companheiras de estudo.

Meu muito obrigado!

“A humildade exprime uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém”

(Paulo Freire, 1996)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	8
1. O PRIMÁRIO.....	9
2. O GINÁSIO.....	12
3. O SEGUNDO GRAU.....	15
4. A FACULDADE.....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	22

APRESENTAÇÃO

A trajetória estudantil pode ser marcada por fatos bons e outros que muitas vezes consideramos ruins, mas que também fizeram parte da nossa construção pessoal e profissional, como as dificuldades e vitórias, os erros e acertos enfrentados durante o meu percurso escolar e formativo. Acho interessante a ideia de dividirmos essas experiências através do memorial. Rever ou relembrar historicamente cada passo da minha vida escolar, analisando em que sentido eles contribuíram para minha formação acadêmica é meu objetivo neste trabalho.

O memorial é um relato da trajetória escolar onde destacamos os fatos mais marcantes que influenciaram e contribuíram para nosso processo de formação, no qual refletimos sobre nossa história como também sobre as histórias que ouvimos e assim, construímos novos significados para o processo de estudo a partir das experiências vividas. Nesse sentido, Cristiane Nadaletto (2007) traz uma definição simples de memorial:

Os memoriais são textos pessoais, em que as acadêmicas registram reflexões, descobertas, dúvidas e sentimentos sobre o seu próprio processo de aprendizagem. É um tipo de diário em que o aluno registra o que vai aprendendo durante o curso. (2007, p.12)

Geralmente lembramo-nos de fatos alternados, mas não em uma ordem cronológica e nem sempre paramos para refletir e analisá-los. Assim, neste memorial apresento de forma discursiva parte do meu percurso escolar e universitária, começando pelas séries iniciais até a universidade, mostrando fatos que influenciaram e contribuíram na minha busca por conhecimentos para a vida profissional e pessoal.

1. O PRIMARIO

Comecei a estudar com sete anos em 1996. Lembro-me do meu primeiro dia na escola. Eu não sabia nada sobre como funcionava a escola então cheguei lá sem saber o que fazer porque antes de começar a estudar eu vivia com meus avós no sítio e eles não estudaram, portanto eu não tinha ouvido histórias sobre a escola.

Minha mãe me levou até o portão e foi para a casa. Eu caminhei até uma parede e me encostei. Fiquei observando, surpreendida com aquele monte de criança correndo para lá e para cá. Nunca tinha estado em um ambiente com tantas crianças juntas daquele jeito. Alguns adultos passavam por mim e só olhavam. Outros diziam ‘oi’ e outros nem me notavam. Fiquei ali parada até que ouvi um sinal sonoro que não sabia de onde vinha. Aos poucos aquelas crianças foram sumindo, entrando em salas diferentes. Em seguida uns daqueles adultos que eu tinha visto antes, entravam nas salas e também sumiam. Continuei escorada na parede e agora o que me surpreendia era o silêncio e o vazio naquele pátio que para mim parecia um quintal bem grande e gramado. De repente passou uma mulher por mim que me olhou e deu um sorriso. Ela andou uns dois metros à frente, olhou-me novamente, voltou até mim, se abaixou até a minha altura e disse: Porque você ainda não foi para a sala? Eu respondi: Não sei...

O engraçado é que não podia ver minha expressão facial naquela hora, mas hoje posso imaginar que eu devo ter arregalados os olhos e respondido com voz trêmula. Eu era uma menina muito medrosa e não sabia nada sobre a escola. Meu irmão mais velho estudava, mas não havia falado nada a respeito. Ele estudava de tarde e eu fui para a escola logo de manhã. Antes disso eu morava no sítio com minha avó. Meu pai me deixou morando com ela desde quando minha mãe biológica faleceu, tendo eu quatro anos de idade. Ele se casou de novo. Quando eu já tinha sete anos me buscou para morar com eles na cidade. Foi aí então que a nova esposa do meu pai, minha nova e segunda mãe, por consideração, me levou para a escola. Lembro que eu não tinha registro de nascimento, que foi feito porque pediram na escola para me matricular.

Depois da matrícula, eu estava eu ali no pátio, no meu primeiro dia na escola. Aquela “boa” mulher que me viu “perdida” no pátio, me direcionou até a sala de aula e me apresentou à professora e aos alunos. Não era o primeiro dia do ano letivo na escola, pois as aulas já tinham iniciado há uns dias. Penso hoje, a partir dessa situação, sobre a

importância da comunicação entre os gestores da escola e a família, principalmente, para que o aluno “novato” na escola se sinta bem recepcionado e que os pais ou responsáveis dialoguem com os professores e gestores para que saibam previamente as características do novo aluno.

Assim começou meu percurso escolar no primário. Eu era boa aluna, curiosa e tinha interesse em aprender e isso se expressava como sinal de atenção. Eu não indagava verbalmente, mas tinha facilidade em assimilar os conteúdos. A curiosidade, caracterizada pelo desejo de conhecer, conforme explica Paulo Freire (1996), é uma capacidade essencial para a busca pelo conhecimento, pois “não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos” (1996, p.32).

Os fatos que mais marcaram o primário foram as mudanças de escola. Os meus pais se mudavam frequentemente por conta do trabalho e os primeiros dias de aula nas novas escolas me deixavam sempre constrangida, pois os alunos implicavam comigo pelo fato de eu ser tímida e ter medo de perguntar as coisas.

Sempre demonstrei retraimento à interação social e tinha poucos amigos. Lembro-me que minha timidez me colocava em situações desagradáveis como: optar por não participar dos jogos nas aulas de educação física, não participar de danças de quadrilhas das tradicionais festas juninas realizadas nas escolas, não manifestar minhas dúvidas na sala de aula e tremer compulsivamente em apresentações orais na escola, dentre outras situações. Preferia ficar parada num canto observando, para adivinhar qual era a sala e professor que eu iria estudar, ao invés de ir perguntar e buscar informações.

Posso dizer que, como uma pessoa tímida, vivi uma tensão toda vez que estava em exposição social. A timidez nem sempre reflete na aprendizagem do indivíduo, mas o pode afastar das oportunidades de aprimoramento de seus conhecimentos. É importante para a criança que o educador aceite e respeite suas inseguranças, evitando olhares e frases reprovadoras.

Hoje penso que nós temos pontos fortes e fracos e devemos mostrar isso para o aluno, para ajudá-lo a ser menos intransigente consigo mesmo. Sempre tive medo de perguntar as coisas e receber uma má resposta ou ser ignorada. Hoje, vejo que havia problemas no meu desenvolvimento emocional que tampouco estimulavam a minha autonomia, pois meu pai era violento e nos proibia de fazer muitas coisas. Isso gerava em mim e em meus irmãos um sentimento de medo. Para meu pai, ao agir dessa forma

estaria nos protegendo e educando, quando na verdade ele tinha era dificuldades em encontrar o ponto de equilíbrio entre o proteger e o libertar. Para ele, o proteger consistia em resguardar os filhos do convívio com outras crianças desconhecidas, de interagir com os adultos e ensinar os trabalhos domésticos. A sua forma de corrigir os erros, quando não era batendo, era fazendo comparações verbais negativas que em nada estimulava a mim e meus irmãos e sim provocava desmotivação. Ele queria educar da mesma maneira que foi educado: com rigidez e punições. Essa forma de educar não era uma característica somente do meu pai, pois a maioria dos pais desta época agia assim.

Tanto com meus pais, como na sala de aula não encontrava autonomia para expor minhas ideias e curiosidades. A preocupação da escola neste tempo se consistia mais na transmissão de conhecimento do que na construção de conhecimento, pois não estimulavam o aluno a falar ou se posicionar. Sobre a autonomia do educando, Paulo Freire ensina que:

A curiosidade aguçada promove uma aprendizagem significativa e o professor ao ver este ponto deverá respeitar e trabalhar nesse sentido, para promover um ambiente estimulador e questionador. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. (1996, p. 59)

Vejo hoje a importância de desenvolver a autonomia da criança onde os professores devem dialogar e interagir com os alunos para que estes tenham liberdade de iniciativa para apresentar seus conhecimentos prévios, permitindo assim, que o educador possa nortear novos conhecimentos para os respectivos alunos. Tanto a escola como o professor deve compreender que a aprendizagem precisa promover a autonomia, sendo os educadores nesse sentido, auxiliador da construção da aprendizagem, possibilitando o educando de ter um crescimento cognitivo e emocional, respeitando sempre a curiosidade do aluno. A tendência pedagógica desta época ainda estava vinculada à tradicional, em que os professores transmitiam conhecimento desconsiderando a individualidade de cada aluno. Hoje estamos mais próximos das tendências ativas em que o processo de ensino e aprendizagem é desenvolvido considerando a capacidade individual de cada aluno.

2. O GINÁSIO, em 2000

Aos onze anos comecei a 5ª série em 2000. Foi uma novidade ter disciplinas diferentes como inglês, história, geografia, entre outras e ter um professor para cada disciplina. Estava acostumada a ter um só professor no primário. Cada professor trabalhava de um jeito diferente, com metodologias diferenciadas para estimular a aprendizagem dos alunos. Alguns professores simplesmente passavam conteúdos e questões no quadro, já outros professores desenvolviam os conteúdos através de atividades diferenciadas como debates entre os alunos, teatros e paródias.

Nesse sentido, Paulo Freire (1996) em sua obra “Pedagogia da autonomia” nos chama a atenção para a importância de se ensinar os alunos coisas que se relacionam com a realidade deles. Para Freire o educador deve priorizar o conhecimento de mundo trazido pelo aluno, para relacionar o que ele conhece com a aprendizagem na sala de aula. Portanto, utilizar os conhecimentos prévios dos alunos, fazendo com que estes relacionem o conteúdo das aulas com seu cotidiano, é um dos métodos que podem tornar as aulas mais significativas.

Na 6ª série, aconteceu um episódio que nunca esqueci. Veio um homem na escola para tirar aquelas fotos com temas diferentes. Eu tirei a foto com uma fantasia de florista. Quando o homem voltou à escola para entregar as fotos ele ficou em um canto da sala da diretora atendendo os alunos. Uma amiga minha me avisou que ele estava lá então eu fui para pegar minha foto. Quando cheguei à diretoria a porta estava aberta, avistei o homem no fundo da sala e entrei. Ao entrar notei que a diretora estava ao lado conversando com outra pessoa, passei direto e fui até o homem da foto. Levei um susto quando a diretora se direcionou a mim e em voz alta me chamou a atenção dizendo que eu era mal-educada, que não havia pedido licença para entrar, que não tinha cumprimentado ninguém e perguntou se meus pais não me davam educação. Eu não respondi. Simplesmente peguei minha foto e voltei para a sala de aula.

Realmente eu não convivia com princípios básicos de boa educação em casa, não se falava sobre boas maneiras, que se deve dar bom dia, boa tarde, enfim, meu pai era muito rígido, proibia muitas coisas e não ensinava as regras básicas de educação, de boas maneiras e de boa convivência. Aprendia os bons modos conforme ia fazendo as

coisas erradas e apanhava para não repetir, como não falar enquanto os adultos falam. Foi uma vez só para nunca mais.

Além disso, as “palavrinhas mágicas” (por favor, com licença, obrigado, bom dia e boa tarde) aprendi conforme fui crescendo e me relacionando com outras pessoas e vendo situações em que pessoas usavam estes termos. Eu percebia que isso tornava o ambiente agradável e receptivo, ao contrário da situação ocorrida na sala da diretora da escola. A escola tem o papel de oferecer educação ao aluno, sendo que nas etapas da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança, devendo complementar a ação da família e da comunidade. Portanto, foi na escola que absorvi os bons princípios de educação que facilitaram a interação social. Infelizmente, algumas famílias tendem a direcionar a educação dos filhos totalmente para a escola quando na realidade o próprio convívio familiar é uma grande oportunidade de favorecer a criança, de oferecer uma educação baseada nos princípios morais, como desenvolvimento do caráter e de valores solidificados pela família, como o respeito aos mais velhos.

Essas situações me remetem aos conhecimentos adquiridos no percurso formativo, em especial na disciplina de Fundamentos e práticas de Educação infantil na qual aprendemos que a educação já começa nos primeiros anos de vida e é papel das instituições de educação infantil participar deste processo junto com a família e a comunidade. A Constituição Federal (1998) define a educação infantil como um direito da criança, que, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), é parte integrante do sistema de ensino compreendendo de zero até os cinco anos de idade, correspondente à primeira etapa da educação básica.

Para as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2009), não obstante, a criança é entendida como sujeito de direitos, de história, capaz, ativo e produtora de cultura. Percebe-se na política nacional e as diretrizes curriculares a centralidade da criança no processo educativo. Esta, por sua vez, é tida como possuidora de direitos, um sujeito histórico-social, produtor de cultura, capaz de ter sua percepção de mundo e contribuir dinamicamente para o planejamento curricular e institucional. Portanto, neste contexto a concepção de criança é vista como oriunda de trajetórias e processos de construção social, cultural e histórica, a visão contrária à adultocêntrica.

Sempre estudei em escola pública e nunca reprovei. Assim como no primário, minhas notas no ginásio continuaram sendo boas. No final da 8ª série comecei um “namorinho” com um colega de sala que hoje é meu esposo. Meu pai descobriu o namoro e no outro ano não deixou que eu estudasse. Por isso, fiquei um ano sem ir à escola. Achava que nunca mais iria estudar, que minha vida seria só trabalhar e ajudar no serviço de casa.

Com 15 anos já estava amadurecendo e desenvolvendo a autonomia para questionar de forma crítica as imposições do meu pai. Não concordava com a maneira que ele nos educava e tampouco aceitava ficar sem estudar, como método de castigo por eu ter começado a namorar. Meu irmão também ficou sem estudar durante um período apenas porque reprovou na 4ª série. Meu pai sempre dizia que se algum de nós reprovasse não iríamos mais estudar. Comecei a discordar do meu pai, contestando com argumentos contrários aos dele, demonstrando que eu deveria estudar sim e que era um direito meu. Porém, meu pai não aceitava dialogar, reagia com ameaças até que me expulsou de casa. Então antes de completar 16 anos fui morar em outra cidade com minha tia Dorka, que me deu apoio e incentivo para voltar a estudar.

3. O SEGUNDO GRAU, 2005

Foi no colégio Lauro Benno Prediger, em Ji-paraná, que me matriculei para fazer o primeiro ano do ensino médio, então segundo grau. Estava morando com minha tia. Já era final do mês de março e as aulas já haviam começado. Tive que fazer trabalhos individuais para ter as notas do primeiro bimestre, já que os professores estavam praticamente fechando os trabalhos avaliativos. Diferente do primário e do ginásio comecei a ter notas baixas, principalmente, em português. Tirava sempre 6,0, 6,5.

Meu rendimento escolar diminuiu devido ao fato de eu ter outros compromissos e responsabilidades, portanto, não podia me dedicar totalmente aos estudos. Comecei a trabalhar como empregada doméstica durante meio período e às vezes chegava atrasada na escola. Outras vezes não dava nem tempo de ir. Tive que me dedicar ao trabalho, uma vez que minha tia Dorka recebia um salário mínimo e eu queria ajudar nas despesas da casa.

Minha tia Dorka era aposentada e estudava na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Às vezes me levava para as aulas com ela. Foi quando tive meu primeiro contato com esta modalidade de ensino. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. A maioria dos estudantes dessa modalidade são pessoas que estão há muito tempo sem estudar e que trabalham durante o dia para estudar à noite. Essa modalidade é muito importante, especialmente no Brasil, onde há várias pessoas que não tiveram oportunidade de frequentar ou dar continuidade aos seus estudos na educação básica regular.

Felizmente, pude cursar o ensino regular. Eu gostava de todos os meus professores. Tinha uma professora de biologia, Maria Lucia que explicava os conteúdos de forma lúdica, sempre cantando. Foi através das músicas dessa professora que aprendi sobre o reino das plantas. Ela era bem interativa, nos contava a experiência da vida dela. Já havia trabalhado como modelo, nos mostrava fotos dela em desfiles de moda, dizia que era apaixonada por biologia e por isso trocou as passarelas pela sala de aula.

A importância do uso de atividade lúdica é enfatizada por Ângela Cristina Munhoz Maluf (2009) como algo indispensável para a educação, porque facilita e

contribui com o processo de ensino aprendizagem e podem tornar as aulas mais estimulantes e enriquecer a prática pedagógica. Através de atividades lúdicas, que são atividades realizadas com diversão, quando se tem prazer, a criança aprende, internaliza novos comportamentos, verbaliza, entra em comunicação com os demais e assim, conseqüentemente se desenvolve. O brincar faz parte de a vida de todo ser humano, não importando sua idade.

Apesar de não utilizar o lúdico, como a professora Maria Lúcia, também não esqueci da professora de história, Roseli. Ela foi minha professora no 2º ano do ensino médio. Lembro-me de um dia em que teve uma avaliação com dez questões e eu respondi nove das questões, deixando em branco uma sobre bolsa de valores. Eu tinha um conceito sobre o conteúdo, mas fiquei receosa em responder, pois achava que estava equivocada. Ao entregar a prova, a professora questionou o motivo pelo qual eu não havia respondido à questão. Expliquei o motivo e ela pediu que eu respondesse verbalmente. A minha resposta estava certa. Apesar de eu não ter respondido na prova, a professora considerou minha resposta dando-me a nota estimada para a avaliação. O importante é que assimilei o conteúdo e depois disso entendi basicamente que bolsa de valores é uma organização em forma de mercado onde se negociam ações ou valores entregues por acionistas, como também valores obtidos por determinada empresa, etc.

Essa forma de avaliação muito importante para a minha autoestima, contribuindo para minha autoconfiança. Aprendi que apesar de ter dúvidas, posso compreender e desenvolver qualquer atividade, mesmo se a aprendizagem ocorrer na hora da avaliação. Quando um professor fala em avaliação muitos alunos costumam ficar com medo e apreensivos quanto ao que vai ser cobrado na prova. Existem alguns professores que acreditam que avaliar consiste somente na realização das provas e testes e respectivamente nas aprovações ou reprovações. No caso da situação acima a forma como a professora conduziu a avaliação foi construtiva, pois ela me incentivou a construir e compartilhar novos conhecimentos, onde tanto eu quanto os demais alunos puderam entender melhor sobre a bolsa de valores, que era o conteúdo estudado na aula.

Nesse sentido, a forma avaliativa funciona como um elemento de integração e motivação para o processo de ensino-aprendizagem. O importante é entender que o processo de avaliação não deve ser somente a realização de provas e testes, mas sim um

processo contínuo e que ocorre dia após dia. Deve-se buscar corrigir erros e construir novos conhecimentos, e conseqüentemente colaborar para a motivação e o progresso do educando, sugerindo a ele novas formas de estudo para melhor compreensão dos assuntos abordados dentro das salas de aulas.

Enfim, terminei o ensino médio, me casei, tive uma filha e não tinha mais planos de estudar. Até que um dia...

4. A FACULDADE

O curso de pedagogia EaD/UNIR começou a fazer parte da minha vida da seguinte maneira. Quando eu trabalhava em um consultório odontológico como auxiliar de dentista, em 2010, conheci Ludmila Ronqui, namorada do dentista que eu auxiliava. Ela era professora da Unir de Ariquemes-RO e me falou sobre o processo seletivo que haveria naquele mesmo ano. Meu sonho mesmo era fazer Odontologia, pois trabalhar há seis anos e meio como auxiliar odontológica me fez ter esse interesse. Não teria e nem tenho no momento condições financeiras para fazer tal curso. Decidi então fazer a inscrição no processo seletivo para o curso de pedagogia, sem muita expectativa, porque achava que não iria passar. Fiz a prova objetiva. Achei as questões difíceis, porém eu desenvolvi bem a redação e garanti o 33º lugar.

A professora Ludmila foi quem viu o resultado e me informou que eu havia passado. Ficamos muito alegres e ela me incentivou bastante a iniciar o curso com compromisso e dedicação. Ela dizia: “agora é estudar, estudar e estudar”. Iniciei então o curso de pedagogia. Formamos uma turma de 50 alunos e a cada disciplina que cursávamos, entendia melhor a ciência do curso. Aprendi que a Pedagogia se refere ao estudo das teorias e ciências da educação e do ensino. Utiliza-se de ciências específicas e conhecimentos teóricos e práticos que proporcionam um esclarecimento mais amplo da natureza e das finalidades dos processos de ensino-aprendizagem, sendo a educação seu objeto de estudo.

No início tivemos dificuldades devido a diversas paralisações que aconteceram, desanimando 60% dos alunos. Em algumas disciplinas a leitura do material de apoio na plataforma era o suficiente para desenvolver as atividades propostas. Outras disciplinas exigiram além das leituras, pesquisas e orientações das tutoras, que sempre nos auxiliaram. Os encontros de tutoria esclareciam muitas dúvidas. O fato de morar em outra cidade distante do Pólo, Teixeirópolis, dificultou um pouco meu total aproveitamento dos encontros de tutoria que participei e que ajudaram muito na minha aprendizagem. Os conhecimentos que adquiri durante o curso puderam ser colocados em prática na realização dos estágios supervisionados e também nas horas de ajudar minha filha nas tarefas de casa.

Todas as disciplinas do curso contribuíram para a construção de conhecimento sobre a pedagogia, mas em especial as disciplinas com as quais mais me identifiquei foram: Fundamentos e Práticas de Educação Infantil, Recreação e Jogos e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os conteúdos destas disciplinas remeteram com mais significado às minhas experiências com a educação, pois se relacionam com as realidades vivenciadas durante meu percurso escolar e formativo. Os Estágios Supervisionados também tiveram grande importância no meu entendimento sobre o funcionamento do processo educacional.

No estágio utilizei técnicas de observação e regência, fiz levantamento de dados como entrevista com os professores e análises dos documentos da escola como o projeto político pedagógico para conhecer de características das estruturas físicas e funcionais da Escola, registrei o que acontecia no ambiente de ensino, analisei os conteúdos trabalhados nas aulas, planejando e desenvolvendo as regências a partir dessa análise, da crítica e da proposição de novas metodologias.

Da mesma forma que nos estágios, auxiliar minha filha nas tarefas de casa também se tornou uma oportunidade para aplicar os conhecimentos que adquiri com o curso. Minha filha está com 10 anos e estuda no 4º ano dos Anos iniciais do Ensino Fundamental. Procuro transformar as situações que surgem no nosso cotidiano em momentos significativos de aprendizagem. Utilizamos a mesa da cozinha para realizar as tarefas ou então sentamos no chão do quarto e apoiamos os materiais na cama. Oriento e permito que ela ajude na organização desses ambientes para que ela se sinta participativa e ativa no seu próprio ambiente de aprendizagem.

Às vezes a professora da minha filha passa produção de texto como tarefa de casa como “falar da cidade onde mora”. Ela me pergunta o que escrever e dou sugestões para que ela escolha o que falar, se a cidade é limpa ou não, o que tem nesta cidade que ela gosta ou não gosta, quais os lugares que ela visita nesta cidade, o que tem de interessante... Deste modo, ela vai construindo seu próprio conhecimento sobre a cidade. Quando vejo os erros de escrita sugiro a ela que revise a palavra para ver se está escrita corretamente e se não achar o erro sugiro que compare com o dicionário, onde ela mesma analisa se escreveu certo ou não. Assim estas entre outras situações permitem que ela passe por processos de autonomia no seu próprio processo de aprendizagem.

É claro que na sala de aula é diferente. Não dá para trabalhar com todas as crianças da mesma forma que educamos nossos filhos, pois para desenvolver o ensino e a aprendizagem na escola é necessário considerar a realidade e cultura dos alunos. Assim, enquanto não exerço de fato a profissão, vou auxiliando minha filha na construção da aprendizagem dela, dando atenção a todas as suas perguntas, nunca dando as respostas prontas, mas dialogando e interagindo, proporcionando a ela processos de autonomia para que ela tenha liberdade de iniciativa para apresentar e desenvolver seus conhecimentos.

Toda a vivência e experiência durante o curso de pedagogia construiu em mim a ideia de que não é só a conclusão do curso que nos torna pedagogos e sim o nosso interesse e esforço próprio de buscar cada vez mais informações que complementem e enriqueçam nosso grau de conhecimento na área da educação, nos tornando aptos a trabalhar com o desenvolvimento da aprendizagem das pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção desse memorial foi muito importante, pois permitiu relembrar fatos do meu percurso escolar que eu não imaginava que pudesse influenciar na minha formação acadêmica profissional.

Ainda não trabalho na área da educação. Assim, busquei aproveitar ao máximo as experiências dos estágios para compreender o processo de ensino e aprendizagem. Em todos os estágios fui bem recebida e bem orientada para desenvolver minhas pesquisas e projetos.

Todas essas experiências vivenciadas contribuíram para a compreensão da importância da ação pedagógica, ou seja, dos saberes necessários à prática educativa, os princípios de liberdade, autonomia e da qualidade de vida que conduz educando e educadores ao exercício da cidadania. Particularmente, possibilitou em mim a percepção de uma forma mais humana de pensar a prática educativa, dando ênfase ao ser humano em si, respeitando a individualidade de cada aluno, pois cada discente possui habilidades e dificuldades diferenciadas.

Então concluo este curso de pedagogia ciente da responsabilidade que terei como Pedagoga, em acompanhar todas as questões educacionais visando direcionar e qualificar o processo de educação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 05 de outubro de 1988. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 21 novembro de 2016.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educacional (LDB). Lei 9394/96**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em 20 setembro de 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara De Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil**. Resolução CNE/CEB 5/2009. Disponível em : http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid Acesso em 15 agosto de 2017.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários a prática educativa. Paz e terra. São Paulo, 1996.

MALUF, Ângela Cristina Munhoz. **Atividades Lúdicas Para Educação Infantil: Conceitos, Orientações e Práticas**. Editora Vozes. 2ª Edição. Petrópolis, RJ 2009.

NADALETO, Cristiane. **Memoriais e Formação Inicial de Professores: Um Estudo De Caso na Prática de Ensino**. 2007. Disponível em: http://www6.univali.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=267>. Acesso em 20 agosto de 2017.